

Gênero e o movimento software livre no Brasil: conhecendo alguns grupos de mulheres

Mônica de Sá Dantas Paz¹
Universidade Federal da Bahia

Resumo

Este trabalho visa apresentar parte da atual pesquisa de doutoramento da autora e pode ser considerado como a caracterização do objeto de estudo, bem como, a formulação de questões para esta pesquisa dentro da temática mulher e tecnologia. Para tanto, é realizada a observação da atuação e organização de mulheres da comunidade software livre no Brasil. Dessa forma, o objetivo desse trabalho é apresentar alguns dos diferentes tipos de atuação e temáticas trabalhadas por mulheres e por grupos de mulheres do movimento software livre que apresentam sensibilidade de gênero. A fundamentação teórica do trabalho se apoia em autoras que tratam da brecha digital de gênero e que indicam que esta deve ser resolvida não só com a inclusão digital de mulheres, mas também através do debate e da crítica acerca do processo de desenvolvimento e consumo de tecnologia, que normalmente são baseados em práticas excludentes.

Palavras-chave

Gênero. Mulher. Tecnologia. Software Livre. Tecnofeminismo.

Introdução

Se por um lado há um equilíbrio no número de homens e mulheres conectados à internet, a participação das mulheres no desenvolvimento das TICs se apresenta desigual em relação aos homens. Apesar de haver diferentes aspectos debatidos pelo movimento software livre (técnico, gerencial, social, educacional, filosófico, etc), o forte viés técnico e a majoritária presença masculina são evidentes nesse meio, o que torna o ambiente possivelmente sujeito a tensões de gênero.

Não é apenas uma questão quantitativa, isto apenas serve para indicar uma desigualdade que é gerada e ao mesmo tempo se autoalimenta e que se torna verificável qualitativamente nas práticas e discursos da comunidade.

Atualmente, as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) têm sido ferramentas utilizadas por diferentes movimentos sociais como forma de promover suas causas e mesmo de modificar a ordem social a partir do ciberespaço. O mesmo

¹Mônica de Sá Dantas Paz é aluna de doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. E-mail: mpaz@ufba.br

tem ocorrido no que tange o movimento de mulheres. Muitos coletivos têm se formado em ambientes online ou se utilizado desdes para sustentar os seus debates e atividades.

Este trabalho visa apresentar parte da atual pesquisa de doutoramento da autora e pode ser considerado como a caracterização do objeto de estudo, bem como, a formulação de questões para esta pesquisa dentro da temática mulher e software livre. Para tanto, é realizada a observação da atuação e organização de mulheres da comunidade software livre. Dessa forma, o objetivo desse trabalho é apresentar alguns dos diferentes tipos de atuação e temáticas trabalhadas por mulheres e por grupos de mulheres do movimento software livre que apresentam sensibilidade de gênero. A fundamentação teórica do trabalho se apoia em autoras que tratam da brecha digital de gênero e que indicam que esta deve ser resolvida não só com a inclusão digital de mulheres, mas também através do debate e da crítica acerca do processo de desenvolvimento e consumo de tecnologia, que normalmente são baseados em práticas excludentes e patriarcais.

Brecha Digital de Gênero e Tecnofeminismo

Além da crítica à ciência e à teoria social (SARDENBERG, 2002), o feminismo também se ocupou com questões relacionadas à tecnologia, pois esta também deve ser analisada numa perspectiva de gênero. Dessa forma, observa-se não apenas o fato da tecnologia ser utilizada, planejada e desenvolvida em sua maioria por homens, mas também por reforçar esteriótipos e a segregação do gênero feminino. Estabelece-se, então, histórica e culturalmente, uma relação entre a tecnologia e o ser masculino. Contudo, a tecnologia não deve ser assumida como inerentemente patriarcal, nem como totalmente libertadora (WAJCMAN, 2006, 2009).

Decorrente dessa implicação de masculinidade à tecnologia, constantemente reproduzida no cotidiano, a capacidade tecnológica dos homens se torna tanto um fim quanto um meio para a sustentar a hegemonia na área. Dessa forma, se faz necessário uma redefinição desta relação (gênero e tecnologia) em prol de um progresso científico-tecnológico não excludente (SEDEÑO, 1999), diminuindo-se assim a brecha digital de gênero.

Sobre brecha digital entende-se a questão do acesso (primeira brecha) e ainda a dos usos (segunda brecha) que os indivíduos fazem das tecnologias da informação e comunicação, considerando-se a sua *expertise* neste ramo do conhecimento. Esta segunda brecha digital também acarreta em uma divisão de gênero no uso das tecnologias digitais; o que se torna mais proeminente do que os problemas iniciais de falta de acesso e de habilidades dos indivíduos com as TICs (CASTAÑO, 2008).

Para além dos usos, a crítica ao processo de planejamento e desenvolvimento de tecnologias digitais como dominada pelos homens não tem a sua solução somente no aumento da presença ou no incremento do número de mulheres no campo de concepção dessas tecnologias. Deve-se também impulsionar a crítica à tecnologia para que seja possível inovar a partir de mudanças das relações sociais entre mulheres e homens (ALEMANY, 1999).

Portanto, diante da omissão histórica da visibilidade da contribuição das mulheres na ciência (SCHWARTZ *et al*, 2006; COSTA, 2006), no uso, no desenvolvimento e no planejamento político e estratégico das tecnologias (ALEMANY, 1999; SEDEÑO, 1999; WAJCMAN, 2006, 2009) e no sentido de se promover a transformação desse cenário, Wajcman (2006) denomina de tecnofeminismo uma forma de leitura e abordagem das questões de gênero frente ao atual contexto tecno social, do qual também podemos fazer uso diante das TICs.

No Brasil, o termo tecnofeminismo é pouco utilizado, mas de uma forma geral é utilizado para designar o uso da tecnologia pelos movimentos feministas tanto em um sentido crítico como meio para se alcançar suas metas. O que esta corrente tenta demonstrar é como a tecnologia é desenvolvida para atender demandas, dentre outras, econômicas e por isso tende a estar a serviço de forças hegemônicas, que muitas vezes são sexistas. Acredita-se que a tecnologia causa impactos diferentes em homens e em mulheres, fortalecendo hierarquias, valorizações e mitos de forma a gerar e valorizar competências específicas e, muitas vezes, masculinas (WAJCMAN, 2006).

Passado um período de tecnofobia, onde o impacto da tecnologia sobre a vida das mulheres era visto negativamente por muitas ativistas, estas passam a se utilizarem daquela para promover a transformação social. O tecnofeminismo, segundo Wajcman (2009), incentiva a apropriação da tecnologia por seus usuários dando-lhes novos sentidos a sua utilização. No âmbito do tecnofeminismo, a tecnologia é uma

agente social, mas a autora utiliza-se de uma abordagem mais construtivista e menos determinista do que as correntes feministas essencialistas:

Se a sociedade se co-produz com a tecnologia, é imperativo explorar os efeitos das relações de poder genéricas no *design* e inovação, bem como o impacto da mudança tecnológica sobre os sexos. Decerto o tecnofeminismo emergente concebe uma relação mutuamente conformadora entre gênero e tecnologia, em que a tecnologia é ao mesmo tempo causa e consequência das relações de gênero. Em outras palavras, podemos imaginar que as relações de gênero se materializam na tecnologia, e que por sua vez, a masculinidade e a feminilidade adquirem seu significado e caráter através de sua associação a máquinas em operação e integração em si. Tal abordagem é compartilhada pela concepção construtivista da tecnologia como rede sociotécnica e reconhece a necessidade de integrar os elementos materiais, discursivos e sociais da prática tecnocientífica. (WAJCMAN, 2006, p.161-162, tradução nossa)².

Percebe-se então que a tecnologia pode ser vista como uma ferramenta de manutenção de desigualdade entre os sexos. Dessa forma, não é necessário apenas se pensar a tecnologia numa perspectiva de acessibilidade das mulheres, mas também refletir sobre o processo produtivo e ideológico no qual os artefatos tecnológicos são desenvolvidos.

O ponto chave que consideramos importante nesse debate é entender as relações de poder mediadas pela tecnologia não só no âmbito dos usos e das apropriações imprevistas, mas também se pensar na sua própria construção dessa tecnologia e de suas representações sociais de forma mais inclusiva. Outro ponto é analisar sob a ótica feminista, como os avanços tecnológicos causam impactos diferentes nos homens e nas mulheres, atentando para as novas nuances da contemporaneidade informatizada e conectada.

² Texto original: *Si la sociedad se coproduce con la tecnología, es imperativo explorar los efectos de las relaciones de poder genéricas en el diseño y la innovación, así como el impacto del cambio tecnológico sobre los sexos. Ciertamente el tecnofeminismo emergente concibe una relación mutuamente conformadora entre género y tecnología, en la que la tecnología es al mismo tiempo fuente y consecuencia de las relaciones de género. En otras palabras, podemos imaginar que las relaciones de género se materializan en la tecnología, y que a su vez la masculinidad y la femineidad adquieren su significado y carácter a través de su adscripción a máquinas en funcionamiento y de integración en las mismas. Semejante planteamiento comparte la concepción constructivista de la tecnología como red sociotécnica, y reconoce la necesidad de integrar los elementos materiales, discursos y sociales de la práctica tecnocientífica.*

Comunidade do Software Livre no Brasil

Também em um sentido contra hegemônico através da apropriação tecnológica, podemos analisar a cultura e a ética *hacker*, que trata-se de igualdade, compartilhamento de informação e a relação entre diversão, trabalho e dinheiro (HIMANEN, 2001). Há também nessa cultura preocupação sobre a formação de liderança, a liberdade da informação, o acesso a computadores, a igualdade entre as pessoas em relação a títulos, idade, raça ou posição no que se refere ao seu trabalho, sobre arte e qualidade de vida (LEVY, 1994).

Dentro dessa cultura, o movimento software livre se destaca por propor um novo modelo de produção para o desenvolvimento de software que pode ter seu efeito ampliado para o que pode-se chamar de cultura digital livre. Com sua ideologia que perpassa os conceitos de liberdade (usar, estudar, modificar e redistribuir modificações), colaboração, propriedade intelectual de bens intangíveis e produção de conhecimento, o software livre é visto por vários grupos de mulheres como uma das alternativas para a almejada apropriação tecnológica e empoderamento da mulher.

Contudo, os softwares livres também são criados em sua maioria por homens e também tem seu processo de criação inseridos em ambientes masculinos, muitas vezes pouco sensíveis às questões de gênero. Logo, apesar de seu caráter contra hegemônico, o movimento software livre também apresenta contradições, visto que a noção de liberdade e igualdade não tem contido em si, por exemplo, a questão da equidade e igualdade de gênero.

A comunidade software livre brasileira é composta por diferentes perfis que vão de simples usuários a entusiastas, além de produtores de tais softwares, como administradores de sistemas, desenvolvedores, tradutores, etc. Dessa forma, atuando em diversas dimensões, os membros dessa comunidade consideram por questões sociológicas, políticas e técnicas que os softwares livres são a melhor solução no segmento para a inclusão digital e o desenvolvimento tecnológico. Diante dessas premissas, a comunidade software livre se torna um das vertentes mais conhecidas da cultura *hacker* (HIMANEM, 2001).

A atuação de mulheres no movimento software livre no Brasil: observações iniciais

A comunidade do movimento software livre no Brasil já possui e ainda possui alguns grupos de mulheres que atuam em ambientes digitais e em eventos presenciais da comunidade. A existência desses grupos, bem como a ação de ativistas que atuam também individualmente, demonstram a relevância desse tema e como as mulheres estão se organizando para debater e buscar pela minimização das diferenças de gênero nesta comunidade. Para melhor entendimento do objeto de estudo do atual doutoramento, fizemos uma pesquisa exploratória, com a qual encontramos algumas similaridades e diferenças que ajudam a dividir tais grupos de acordo com as suas atuações, propósitos e temáticas.

a) Grupos internacionais de colaboradoras de projetos de softwares livres

Há grupos que, apesar de serem internacionais, possuem brasileiras entre seus membros, mulheres que atuam tanto no âmbito internacional quanto nacional. Alguns desses grupos trabalham para um projeto de software em específico, desenvolvendo atividades de cunho técnico para o desenvolvimento e difusão dos softwares, além de capacitar e buscar por novas colaboradoras. Como exemplo, citamos, a seguir, alguns desses grupos e suas representantes brasileiras.

O GNOME Women “é um grupo dedicado a fornecer incentivo para que as mulheres contribuam para o GNOME, uma suíte para desktop GNU/Linux e Unix livre e de código aberto”. Ainda no site do grupo, há uma FAQ na qual é explicado porque as mulheres precisam de um grupo destinado a elas. O site explica que sendo as mulheres minoria na comunidade é necessário incentivos e facilidades para o seu ingresso e permanência, para que assim elas iniciem a sua contribuição adaptando-se em condições mais confortáveis à cultura e processos do novo ambiente. As interessadas no projeto contam com um agregador de blogs dos membros, lista de discussão e canal IRC para interagirem.

No grupo, a brasileira e desenvolvedora Web Luciana Fujii atua de forma técnica e social, incentivando outras garotas. A exemplo da 5ª Campus Party Brasil, que ocorreu em fevereiro de 2012 em São Paulo, onde a desenvolvedora participou da

mesa “Mulheres e software livre”³ e convidou as interessadas a assistirem a palestra “Como contribuir com Projetos de Software Livre”⁴, na qual daria mais ênfase ao incentivo à participação feminina. O grupo possui canal IRC, lista de discussão com arquivos abertos e grupo no Facebook, o que facilita o contato entre as interessadas e a observação participante da comunidade.

O Debian Women foi fundado em 2004 e tem como objetivo “equilibrar e diversificar o Projeto Debian envolvendo-se ativamente com as mulheres interessadas e incentivando-as a se envolver mais com o Debian”⁵. A administradora de sistemas Fernanda Weiden é a representante brasileira do grupo e sobre o curso que ministrou no 12º Fórum Internacional de Software Livre em junho de 2011, Porto Alegre-RS, a ativista explica:

[...] se destina a meninas, mulheres de qualquer idade que queiram aprender mais sobre as bases do sistema operacional GNU/Linux. Não é necessário nenhuma experiência nem conhecimento em Software Livre ou GNU/Linux. Minha ideia é mostrar como o sistema funciona, e quem sabe, despertar a curiosidade de algumas delas para seguirem buscando uma carreira técnica nessa área.⁶

Outro grupo atuante na comunidade é o Ubuntu Women, que “é uma equipe que trabalha sobre o Ubuntu para fornecer plataforma e incentivos para que as mulheres contribuam para o Ubuntu Linux, um software livre e de código aberto baseado em Debian GNU/Linux”⁷. Além das atividades desempenhadas em eventos presenciais da comunidade, o grupo promove eventos destinados à participação feminina no formato de competições⁸, mantém site, canal IRC e uma lista de discussão com arquivos abertos⁹. O site do grupo não apresenta uma brasileira como membro. Contudo, apesar de não ter perfil no site do Ubuntu Woman, a brasileira Ursula Junque foi parabenizada na lista ao entrar no time do Ubuntu por ser a primeira colaboradora mulher no país.

³ Ver <http://www.campus-party.com.br/2012/software-livre.html#Mulheresesoftwarelivre>, acessado em 28 set. 2012.

⁴ Ver <http://www.campus-party.com.br/2012/software-livre.html#ComocontribuircomProjetosdeSoftwareLivre> acessado em 28 set. 2012.

⁵ Site: <http://women.debian.org>

⁶ Disponível em: <http://www.4linux.com.br/noticias/2011/4linux-debian-women-ministracao-curso-inicial-administracao-sistemas-meninas-no-fisl.html>, acessado em 30 set. 2012.

⁷ Disponível em: <http://wiki.ubuntu-women.org/About>, acessado em 30 set. 2012.

⁸ Disponível em: <http://wiki.ubuntu-women.org/Events/Competitions>, acessado em 30 set. 2012.

⁹ Disponível em: <https://lists.ubuntu.com/mailman/listinfo/ubuntu-women>

Se de um lado esses grupos contam com o apoio de grande parte da comunidade, de outro recebe críticas que, principalmente, os consideram sexistas. Um exemplo é o debate na lista de discussão do Projeto Software Livre Bahia¹⁰ que surgiu com o título de “Oportunidade para estudantes do sexo feminino: Trabalhar com GNOME e Software Livre”¹¹ e que também gerou repercussão na lista de discussão do Diretório Acadêmico do curso de Ciências da Computação da Universidade Federal da Bahia em 2010. A mensagem, que inicialmente teve o objetivo de divulgar um texto de apresentação do projeto, que visa aumentar e divulgar a colaboração por parte das mulheres no projeto GNOME, levantou diversas discussões: i) visibilidade do trabalho feminino; ii) contribuição histórica e local das mulheres ao movimento Software Livre; iii) pouca presença de mulheres nos cursos universitários de computação; iv) o mito da preferência das mulheres por áreas profissionais não técnicas; v) possível preconceito e sexismo de eventos criados apenas para o público feminino; dentre outros assuntos.

As falas a seguir retiradas desse debate demonstram como, muitas vezes, políticas e ações pró equidade, que visam revelar e estimular a participação das mulheres, são consideradas sexistas:

Que tosco. Não tô falando isso em desconforto com a política das mulheres. Muito pelo contrário, já olho meio torto pra qualquer iniciativa que é "women-only". Às vezes têm um bom propósito, mas muitas vezes é só um modo de separar as coisas. É óbvio que nossa área tem uma porcentagem pequena de mulheres, mas não vejo como um evento só de mulheres (e de 4500 dólares) iria mudar isso.

Reflexão: como seria a reação geral (de homens e mulheres) no caso de um evento/programa de TI "só para homens"?
(T.F., 2010).

Reflexão: como seria a reação geral (de homens e mulheres) no caso de um evento/programa de TI "só para homens"?

No mínimo seria de repúdio, tal ato seria considerado "machista". IMHO, um "somente para mulheres" é tão excludente e ruim quanto um "somente para homens" (G.S.J, 2010).

¹⁰ Disponível em: <http://listas.dcc.ufba.br/mailman/listinfo/psl-ba>

¹¹ Arquivado digitalmente em formato PDF.

Outros grupos com foco similar são: Fedora Woman¹², KDE Woman¹³, Geek Feminist Wiki¹⁴ e Arch Linux Woman¹⁵. O grupo brasileiro KDE Lovelance¹⁶ e a instância brasileira do grupo latinoamericano LinuxChix¹⁷ já não se encontram mais em atividade.

b) Grupo nacional de debate sobre mulheres e software livre

Nesta categoria, podemos citar o Feminino Livre¹⁸, um grupo de trabalho que conta com o apoio da Associação Software Livre, a mesma que promove o evento anual Fórum Internacional de Software Livre no Rio Grande do Sul. O grupo teve início em 2010 na 11ª edição do evento e tem como objetivo promover a visibilidade da contribuição das mulheres no software livre, bem como em todo o âmbito da TI, através de debates, encontros e divulgação de pesquisas sobre o tema.

Apesar de sua atuação até a 12ª edição do fórum, quando promoveu palestras, ações e encontros, o grupo diminuiu suas atividades em 2012. O grupo não apresenta mais atividades nos eventos da comunidade e nem atualiza mais os seus espaços na web, como site e Facebook.

c) Grupos nacionais sobre mulheres e TI

Estes são grupos que tratam da tecnologia de forma geral, mas também apresentam interesse por software livre e participam dos eventos de sua comunidade. Neste contexto, tem-se o /MNT – Mulheres na tecnologia¹⁹ e o GarotasCPBR²⁰. Estes grupos trabalham com a temática mulher e tecnologia, buscando apontar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres neste meio, bem como auxiliar no ingresso e permanência de mulheres na comunidade, além de atualizá-las com notícias sobre lançamentos, eventos e outros assuntos ligados à tecnologia.

¹²Site: <http://fedoraproject.org/wiki/Women>

¹³Site: http://community.kde.org/KDE_Women

¹⁴Site: http://geekfeminism.wikia.com/wiki/Category:Women_in_Open_Source

¹⁵Site: <http://archwomen.org>

¹⁶Site: <http://kdelovelace.wordpress.com>

¹⁷Site: <http://www.linuxchix.org/>

¹⁸ Blog disponível em: <http://femininolivre.wordpress.com/>, acessado em 30 set. 2012. Atualmente, o domínio <http://www.femininolivre.org/> não aponta mais para o site do grupo.

¹⁹Site: <http://www.mulheresnatecnologia.org/>

²⁰Site: <http://www.garotascpbr.com.br/>. O nome do grupo é relativo ao evento internacional Campus Party, que é de origem espanhola. O evento é o principal local de encontro do grupo mas este não é seu único objetivo.

Embora não sejam focados em software livre, consideramos válida a observação desses grupos, devido o seu envolvimento (e de suas integrantes) e trocas com demais grupos da comunidade, bem como a possibilidade de se apontar nuances típicas do software livre frente às questões mais abrangentes.

Os temas abordados recorrentemente nos eventos e espaços de discussão online da comunidade por alguns desses dois últimos tipos de grupos são: as origens da segregação de gênero no campo da tecnologia; desvalorização da imagem da mulher; estereótipos da mulher da área de TI; mulher e formação acadêmica na TI; mulher, profissão e mercado de trabalho; comportamento e sexismo na comunidade; pesquisas e estatísticas da e-exclusão; formas de aumentar a inclusão e colaboração das mulheres junto aos projetos de software livres, dentre outros.

Um exemplo dessa desvalorização da imagem e representação da mulher diz respeito a uma prática comum na comunidade que é relatada por Célia Menezes em sua palestra “Ciberfeminismo: ativismo na Web”²¹: são as peças gráficas criadas por usuários de softwares livres, que objetificam as mulheres, apresentando-as não como usuárias ou contribuidoras, mas explorando a sua sexualidade. Uma busca no Google por “mulher e linux” resulta em sua maioria em imagens (muitas *fanarts* para *wallpapers*) onde mulheres aparecem em poses sensuais ao lado das marcas dos softwares livres mais populares.

Notamos que alguns grupos se orientam apenas para a participação de mulheres (como o que indica o grupo no Facebook das GarotasCPBR), outros são mistos (como a lista de discussão e grupo no Facebook das /MNT), mas reservam para as mulheres o direito de deliberação. Lembramos que parte dessa comunidade²² considera ações específicas para mulheres como sexistas, mesmo diante dos baixos números da presença das mulheres na comunidade e dos desfavorecimentos históricos e culturais enfrentados pelas mulheres nessa área. Diante disso, observamos que muitos grupos deixam a participação aberta para homens e mulheres, talvez para evitar o confronto e afastar assim posições que podem ser consideradas sexistas ou radicais.

²¹Disponível em: <http://pinguinha.encontrolivre.org/index.php/palestra-%E2%80%99Ciberfeminismo-ativismo-na-web%E2%80%9D-no-i-congresso-de-software-livre-do-agreste-pernambucano/>

²² Entendemos que esta é uma posição um tanto comum na sociedade e não apenas típica dessa comunidade.

O debate “Pesquisa FGV – Profissões” na lista de discussão do /MNT traz um exemplo de como conflitos surgem e são amenizados. No caso, X (mulher) havia questionado a forma de tratamento empregado por Y (homem) à mulheres da lista em uma das suas mensagens (musa, que foi avaliado como de uma figura passiva) e também contra sua consideração de que o mercado de TI não seria “preconceituoso” mesmo diante dos dados apresentados no e-mail inicial do debate, no qual apresentou-se uma pesquisa da FGV que indica que os salários das mulheres são os menores na área de TI. Diante disso e de mais algumas falas, L (mulher) responde:

[Y],

Obrigada pela contribuição valiosa. Fico feliz que nas seleções que participou não houve julgamento quanto ao sexo e acredito sim que algumas empresas fiquem eufóricas em encontrar mulheres capacitadas para o cargo.

Mesmo assim eu não diria que problemas não existem, mas claramente não existem em todo lugar. Fico grata por isto. =)

É bom saber que as meninas olham média de salário e negociam. Acho que isto faz muito bem e é assim que fazemos a diferença.

Me desculpa [X] mas acho muito difícil alguém mudar de opinião quando recebe uma mensagem cheia de emoção como a sua. Acho mais fácil perdermos um aliado desta forma. Conheço o [Y] pessoalmente e ele sempre foi um apoiador das intenções do grupo.

Obrigada a todas e todos pela participação e debate. Reflitam com carinho e pensem na posição dos outros. Todo mundo é diferente.

[Y] peço desculpas em nome do grupo pelo desagrado. Sei que você só queria compartilhar sua experiência. Por favor não deixe de participar.

Boa noite!²³

Por fim, percebemos que a existência destes grupos, os que apresentam maior ou menor atividade, revelam a necessidade dessa parte da comunidade de se colocar em evidência, se afirmar, reunir e trocar experiências em pares. Segundo Haché et al (2001, p. 55-56, tradução nossa), são algumas das motivações para a formação de grupos de mulheres ao redor do software livre:

Além das situações que envolvem a necessidade básica de se trabalhar apenas entre as mulheres, tais como as relativas a ultrapassar as sequelas causadas por violência de gênero, também se encontram espaços e reuniões apenas para mulheres que partem da necessidade de estabelecer e aprofundar em pautas alternativos de comunicação, intercâmbio e trabalho em equipe. Dinâmicas que buscam superar as limitações e barreiras decorrentes de nossas

²³ Mensagem de 30 mar. 2012 na lista cujo endereço é mulheres-na-tecnologia@googlegroups.com.

culturas machistas e patriarcais, mas também capitalistas e euro-centristas.²⁴

Considerações Finais

Apontamos como necessário entender melhor, com relação a estes grupos, as suas questões, motivações, barreiras e tipos de atividades desenvolvidas, bem como suas visões em relação a gênero e tecnologia. Dessa forma, poderemos partir para uma segunda fase da pesquisa que seria perceber, a luz do tecnofeminismo, afastando possíveis determinismos tanto sociais quanto tecnológicos (WACJMAN, 2009), como as questões de gênero permeiam a cultura *hacker* do movimento software livre no Brasil.

Analisando esses grupos em relação às suas atuações e temáticas, bem como as ativistas da comunidade software livre, pretendemos buscar respostas para as seguintes questões embasadas nas observações e fundamentação teórica da pesquisa:

As temáticas e ações das mulheres e grupos de mulheres do software livre visam a diminuição da brecha digital de gênero apenas em termos de capacitação e integração à comunidade do movimento no Brasil, ou se pode perceber uma crítica à tecnologia e ao processo de produção e consumo desses softwares livres? Ou seja, as ativistas se preocupam com questões técnicas, sociais e culturais, questionando relações de poder entre gênero, de forma a articular estas questões, ou as tratam de forma isolada? Apenas lidam com os usos dessa tecnologia ou também criticam o processo de criação e consumo?

Orientando-se por essas perguntas, pretendemos continuar as investigações com o intuito de melhor compreender as questões de gênero, o papel e a importância do ativismo feminino no movimento software livre no Brasil.

Referências Bibliográficas

²⁴ Texto original: *Más allá de las situaciones que implican la necesidad básica de trabajar solo entre mujeres, como pueden ser las que guardan relación con sobrepasar secuelas causadas por las violencias de género, también se encuentran espacios y encuentros sólo para mujeres que parten de unas necesidades por establecer y profundizar en pautas alternativas de comunicación, intercambio y trabajo en grupo. Unas dinámicas que buscan sobrepasar las limitaciones y barreras derivadas de nuestras culturas machistas y patriarcales, pero también capitalistas y euro-centristas.*

ALEMANY, C M. *Tecnología y género: la reinterpretación de la tecnología desde la teoría feminista*. In: BARRAL, M. J., MAGALLÓN, C., MIQUEO C., SÁNCHEZ M.D. (eds). *Interacciones ciencia y género: discursos y prácticas científicas de mujeres*. Barcelona: Editorial Içaria, 1999. p. 39-61.

CASTAÑO, Cecilia. *La Segunda Brecha Digital*. Madri. ed. Cátedra. 2008.

COSTA, Maria Conceição da. *Ainda somos poucas: Exclusão e invisibilidade na ciência*. In: *Cadernos Pagu* (27), julho-dezembro de 2006: pp.455-459.

HACHÉ, A., CRUELS, E., VERGÉS, N. *Mujeres programadoras y mujeres hackers. Uma aproximación des de Lela Coders*, 2011.

HIMANEM, Pekka. *A ética dos hackers e o espírito da era da informação. A diferença entre o bom e o mau hacker*. Pekka Himanem, tradução de Fernanda Wolff - Rio de Janeiro : Campus, 2001.

LEVY, Steven. *Hackers: Heroes of the Computer Revolution*. 1994. (Portland, OR, U.S.A.).

SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. *Da Crítica Feminista à Ciência. Uma Ciência Feminista?*. In: COSTA, Ana Alice Alcântara & SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar (Orgs.). *Feminismo, Ciência e Tecnologia, Salvador: Coleção Bahianas*, 2002, pp.:89-120.

SEDEÑO, E. P. *Feminismo y estudios de ciencia, tecnología y sociedad: nuevos retos, nuevas soluciones*. In: BARRAL, M. J., MAGALLÓN, C., MIQUEO C., SÁNCHEZ M.D. (eds). *Interacciones ciencia y género: discursos y prácticas científicas de mujeres*. Barcelona: Editorial Içaria, 1999. p. 17-37.

SCHWARTZ, Juliana; CASAGRANDE, Lindamir; LESZCZYNSKI, Sonia; CARVALHO, Marília Gomes. *Mulheres na informática: quais foram as pioneiras?* In: *Cadernos Pagu* (27), julho-dezembro de 2006: p.255-278.

WAJCMAN, Judy. *El Tecnofeminismo*. Ediciones Cátedra, Universitat de València, Instituto de la mujer. [Traducione de Magalí Martínez Solimán], 2006.

WAJCMAN, Judy. *Feminist theories of technology*. In: *Cambridge Journal of Economics Advance Access*, published January 8, 2009.